

Incertezas e desafios do setor energético

Fernanda Delgado

Diretora executiva corporativa do Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás (IBP)

O setor energético testemunhou muitas incertezas ao longo de 2022, que, longe de um desfecho, permanecem à espreita em 2023. Destacam-se a continuidade da pandemia e a resposta política à crise sanitária sobretudo na China, a tensão geopolítica que envolve a Rússia e o Ocidente por razão do conflito na Ucrânia, a desaceleração do crescimento econômico mundial e o receio de uma inflação desenfreada corroer o desempenho financeiro das empresas, as restrições nas cadeias de suprimentos elevando os custos dos projetos de infraestrutura energética, os riscos de segurança ligados à expansão da digitalização nos processos produtivos, a fragmentação dos fluxos comerciais e a interrupção da abertura das economias à globalização.¹ Há muitas variáveis afetando o setor e, conseqüentemente, o modo como a energia influencia as interações sociais, especialmente, no contexto atual de crise energética.

Para além das fontes de produção e dos elementos estruturantes do setor energético, como os agentes econômicos, a infraestrutura e a regulação, a importância da energia está ligada ao fato de condicionar a interação

das pessoas social e espacialmente. A influência da energia na construção dessa interação socioespacial transborda regiões geográficas e períodos históricos, ocorrendo semelhanças em tempo e espaço diferentes.

A energia mobiliza, por exemplo, reivindicações de cunho político em prol da independência energética dos Estados, como historicamente se delineou no Oriente Médio com a nacionalização das reservas de hidrocarbonetos e a estatização das companhias petrolíferas. Novamente, a busca pela independência energética esclarece o amplo apoio das sociedades europeias às sanções contra a Rússia e à necessidade de se desvencilhar da dependência aos combustíveis fósseis fornecidos por aquele país.

Ao mesmo tempo, a crescente conscientização social sobre o meio ambiente e o clima tem forte conteúdo energético, capaz de gerar protestos da África do Sul à Alemanha contrários à expansão do uso do carvão na matriz em detrimento de fontes renováveis e, do Reino Unido à Colômbia, a proibição de operações de exploração e produção de recursos fósseis não convencionais por meio do fraturamento hidráulico (*fracking*).

Outro aspecto de natureza econômica e forte impacto político diz respeito aos preços dos combustíveis, que também geram apelo social em situações de risco de desabastecimento e alta da cotação internacional do barril de petróleo, a exemplo de vários petro-Estados, como o Equador e a Nigéria, quando buscaram melhorar a situação fiscal cortando subsídios de combustíveis. A energia, portanto, está no cerne de reivindicações sociais, que, por sua vez, influenciam as diretrizes da política no nível nacional e internacional, e, conseqüentemente, o planejamento estratégico das empresas do setor.

Na agenda política, é notável que as previsões mais pessimistas no limiar da invasão da Rússia em território ucraniano não se concretizaram para o mercado de petróleo e de gás. Os fundamentos de oferta e demanda de petróleo estão se ajustando no mercado internacional com o redirecionamento dos fluxos comerciais e a acomodação da Rússia por meio de medidas, ainda que desacreditadas por Moscou, como o teto de preços a US\$ 60 acordado pelos países do G7 e União Europeia (UE). Não significa dizer, entretan-

to, que 2023 será marcado por estabilidade no mercado, pois ainda são incertos os impactos que as sanções contra produtos derivados do petróleo russo ocasionarão ao já apertado balanço oferta-demanda de combustíveis, sobretudo o óleo diesel, e à capacidade de refino em queda nos países ocidentais, como os Estados Unidos. Também é incerta a relação dos EUA com a OPEP+, que retomou sua política de “saneamento” da oferta para fortalecer os preços a US\$ 100 em meio à redução da cotação internacional desde o terceiro trimestre de 2022, somado à disputa mais acirrada por participação de mercado já que os EUA lideram o crescimento da oferta não OPEP e tem o seu pico de produção previsto somente para 2030.²

No mercado de gás, por sua vez, a UE garantiu estoques suficientes para atravessar o inverno 2022/2023, recompondo os preços Dutch TTF³ a US\$ 36/MMBTU em dezembro, por meio de políticas como a formação de um consórcio europeu para negociação coordenada de contratos, estímulo a mudanças comportamentais focadas na economia de energia e destrave de obras de infraestrutura em tempo recorde para receber cargas de gás natural liquefeito (GNL). Ainda assim, já se faz um desafio planejar estoques suficientes para o próximo inverno, criando-se maior competição por GNL e por infraestrutura de gasodutos conectados ao Mar do Norte, ao Norte da África e ao Mediterrâneo Oriental.

Além do nível político, a interação da sociedade com a energia influencia as decisões das empresas do setor, que estão cada vez mais próxi-


A interação da sociedade com a energia influencia as decisões das empresas do setor, que estão cada vez mais próximas dos novos desafios alinhados à demanda das sociedades

mas dos novos desafios alinhados à demanda das sociedades. Incluem-se mais investimento em tecnologias, a segurança cibernética, o alinhamento da agenda ESG ao planejamento estratégico e a gestão de portfólios cada vez mais diversos e focados na transição para uma economia de baixo carbono.⁴

No meio tecnológico, busque-se a inovação para a melhoria dos processos produtivos com ganhos em eficiência e redução de custos, o que significa dar escala e visibilidade à inovação para que ela gere valor à sociedade. No ambiente cibernético, a segurança tem angariado maior relevância, pois em um setor crescentemente digitalizado é fundamental a confiabilidade, acessibilidade e universalidade do abastecimento energético, ou seja, a garantia da energia perpassa a confiança na qualidade e no acesso ao combustível a preços módicos.

Na agenda ESG (*environmental, social, and corporate governance*, em inglês), a exigência da sociedade por

um setor produtivo com boa governança e diretamente envolvido em atividades socioambientais é tão presente quanto a demanda dos investidores por projetos ESG com rentabilidade. Na transição para uma economia de baixo carbono, por fim, exorta-se a um setor historicamente provedor da segurança energética por meio dos combustíveis fósseis, a aquisição e o desenvolvimento de novos negócios com baixa pegada de carbono, sendo um desafio transversal aos outros supracitados: investimento em tecnologia e inovação, segurança cibernética e alinhamento estratégico da agenda ESG.

A continuidade das incertezas que impactaram os negócios ao longo de 2022 e a necessidade de preparar o setor para as transformações econômicas, digitais e ambientais/climáticas para as próximas décadas sinalizam um futuro desafiador e, ao mesmo tempo, promissor. A linha tênue que aproxima os desafios aos negócios bem-sucedidos depende, entretanto, da capacidade da agenda política e do planejamento estratégico das empresas em manter canais abertos com as demandas da sociedade. 

¹CEO Outlook Outubro 2022 sobre o investimento durante a inflação (ey.com):https://www.ey.com/pt_br/ceo/ceo-outlook-global-report

²https://www.eurasiagroup.net/files/upload/EurAsiaGroup_TopRisks2023.pdf

³O Title Transfer Facility, mais comumente conhecido como TTF, é um ponto de comércio virtual de gás natural na Holanda. Este ponto de negociação oferece facilidade para vários comerciantes na Holanda negociarem futuros, transações físicas e de câmbio.

⁴Gestão de portfólio com transição para baixo carbono preocupa CEOs do setor de óleo e gás | Empresas | Valor Econômico (globo.com): <http://bit.ly/3YcFFZ0>